

# As determinantes do voto no segundo turno das eleições presidenciais (2002-2022): avaliação de desempenho, preferência partidária e identificação ideológica.

Palavras-Chave: COMPORTAMENTO ELEITORAL, ELEIÇÃO, DETERMINANTES DO VOTO.

Autores(as):

Lucas da Silva Esteves de Souza, IFCH – UNICAMP

Prof<sup>a</sup>. Dra. Andréa Marcondes de Freitas (orientadora), IFCH - UNICAMP

---

## INTRODUÇÃO:

O objetivo desta pesquisa foi investigar quais as determinantes do voto no segundo turno das eleições presidenciais de 2002 a 2022. Procurou-se, analisar o comportamento dos principais preditores do voto e identificar possíveis mudanças. Foi aplicado sobre os dados extraído das ondas do ESEB (Estudo Eleitoral Brasileiro) um modelo de regressão logística binária. Os resultados indicam a avaliação de desempenho de governo como um preditor estável e representativo, a preferência partidária, apesar de significativa, restrita a parcela do eleitorado, e a identificação ideológica, impulsionada por mudanças recentes no comportamento eleitoral alinhado ao contexto da política brasileira, aparece como uma determinante representativa do eleitorado brasileiro a partir de 2018.

Sabendo do amplo material já estudado sobre o tema, o movimento para selecionar as determinantes do voto que serão investigadas se deu através da comparação entre teorias clássicas do comportamento eleitoral brasileiro, como Singer (1998), Carreirão (2000) e Radmann (2001), e trabalhos mais recentes (Nicolau, 2007; Amaral, 2015; Oliveira, 2015; Amaral, 2020; Fuks, 2021; Marques, 2021) que procuraram testá-las empiricamente a partir de *surveys* pós-eleitorais. Dessa análise foram selecionadas as seguintes determinantes: avaliação de desempenho do governo, identificação ideológica, preferência partidária e variáveis de controle como religião, idade, cor, escolaridade e sexo.

## METODOLOGIA:

Podemos compreender as determinantes do voto como abstrações de atitudes, sentimentos, práticas e características dos eleitores que estariam correlacionadas com a sua escolha de voto. A fim de mensurar e analisá-las é preciso dar a elas materialidade, nesse sentido são selecionadas perguntas realizadas em *surveys* que se aproximam ao que seria a manifestação da determinante, funcionando como uma variável *proxy* (representante). A escolha da *proxy* envolve dois principais desafios: escolher qual pergunta melhor representa a determinante e eliminar ou, mitigar a variabilidade dela ao longo do tempo.

Na presente pesquisa a pergunta utilizada como *proxy* da *preferência partidária* sofreu alterações entre os questionários do ESEB. Nas ondas de 2002, 2006, 2010 e 2018, a pergunta utilizada como *proxy* foi, “qual o partido que melhor representa a maneira como o(a) sr(a) pensa?”, em 2014 e 2022 essa pergunta não aparece, sendo substituída por “qual partido o(a) sr(a) gosta?” e “de qual partido o (a) sr. (a) se sente próximo(a)?”, respectivamente. Após a aplicação do modelo e análise, entendeu-se que essa alteração não impactou os resultados, mas é válida de ser apresentada. Como última etapa, as respostas foram agrupadas entre aqueles que possuem preferência pelo PT (Partido dos Trabalhadores), aqueles que possuem preferência por outro partido e os que não possuem preferência.

A *avaliação de desempenho do governo* foi elaborada a partir da pergunta “na sua opinião, de uma maneira geral o governo do presidente [...] nos últimos 4 anos foi...”. As respostas foram agrupadas em avaliação “positiva” ou “negativa”. Sendo “negativa” a categoria de referência.

Já a *identificação ideológica* foi construída a partir da autolocalização do entrevistado numa escala 11 pontos, em que 0 significava ser de esquerda e 10 de direita. As respostas foram agrupadas nas categorias esquerda (respostas de 0 a 3), centro (respostas de 4 a 6), direita (respostas de 7 a 10) e sem preferência, sendo aqueles que não responderam ou não sabia o que era esquerda ou direita. “Direita” é a categoria de referência.

Para além das determinantes principais foram incluídas outras variáveis de controle.

- *Religião*: as respostas foram grupadas em católica (referência), evangélica e outra/sem.
- *Cor*: as respostas foram grupadas em branco (referência) e não-branco.
- *Escolaridade*: foi transformada em variável contínua de 0 a 6, sendo 0 analfabeto e 6 ensino superior ou mais.
- *Idade*: variável contínua.
- *Sexo*: masculino como categoria de referência.

O *voto no segundo turno* é a variável dependente. Os valores são os nomes dos dois candidatos disputando o turno, com o candidato de oposição ao PT sempre como categoria de referência: José Serra (2002), Alckmin (2006), José Serra (2010), Aécio Neves (2014), Jair Bolsonaro (2018 e 2022).

## **DETERMINANTES DO VOTO:**

O voto por avaliação de desempenho ocorre quando o eleitor analisa os candidatos, governos ou situação econômica que passou (retrospectivo) ou que espera que ocorrerá caso x ou y vença (prospectiva). Identificaram a relação entre avaliação de desempenho retrospectiva e voto, diversos autores, entre eles Carreirão (2000) nos pleitos de 1989, 1994 e 1998, Nicolau (2007) em 2002 e, mais tarde, Amaral (2015) nas eleições de 2014.

Já identificação ideológica representa a correlação entre a posição ideológica do eleitor e seu voto. Singer (1998) foi um dos principais autores que defenderam a centralidade dessa determinante na decisão do voto, ela significa uma “adesão a uma posição no contínuo esquerda-direita ou liberal-conservador que, mesmo sendo difusa, isto é, cognitivamente desestruturada, sinaliza uma orientação política geral do eleitor” (*idem*, p. 43).

Singer (*idem*) analisando ainda os pleitos de 89 e 94 também apontou para a preferência partidária como forte preditor do voto. Nas eleições de 2014, buscando compreender os motivos para a reeleição de Dilma Rousseff, Oswaldo e Ribeiro (2015) demonstraram que uma maior identificação com o PT ocorre um aumento nas chances do voto em Dilma, e o mesmo vale para Aécio Neves quando há uma preferência pelo PSDB.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

**Gráfico 1** - Razão de chances das determinantes do voto no segundo turno das eleições presidenciais (2002-2022).

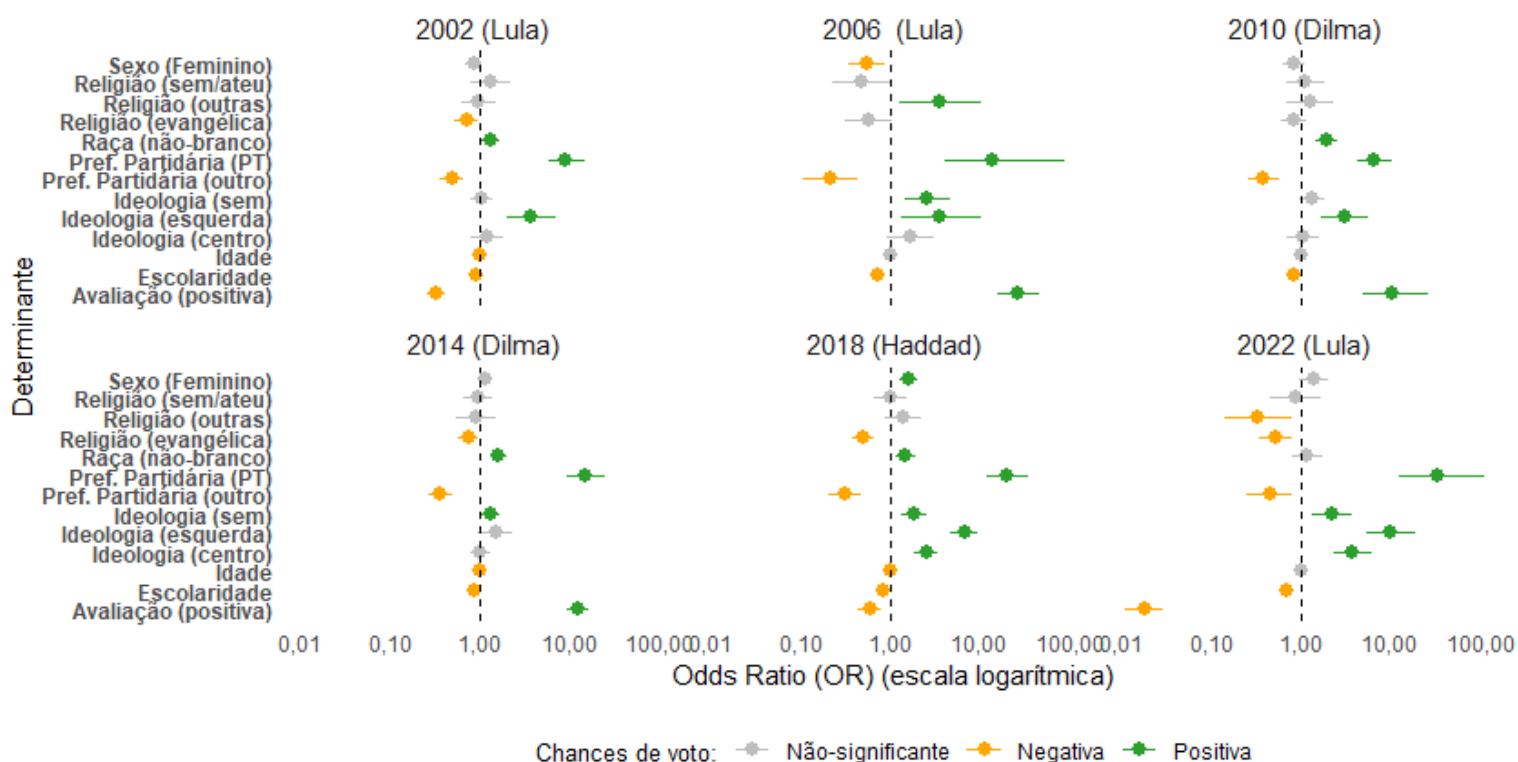


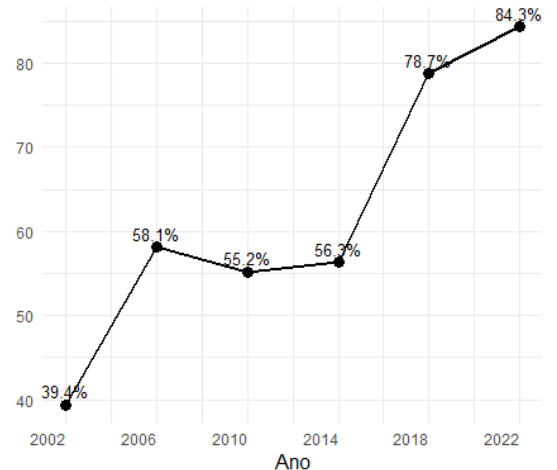
Gráfico 1 - Razão de chances das determinantes do voto – Fonte: elaboração própria a partir de dados do ESEB.

A avaliação de desempenho do governo se mostrou um preditor significativo nas seis eleições analisadas. Em todos os pleitos, aqueles que avaliam negativamente o governo, tendem a votar no candidato de oposição, enquanto uma avaliação positiva do governo aumenta as chances de voto no candidato governista. A preferência partidária possui um comportamento semelhante e é possível observá-la nas seis eleições como um preditor capaz de diferenciar os eleitores. Contudo, ao contrário da avaliação de desempenho, a preferência partidária é um preditor significativo para um grupo mais restrito de eleitores. Isso ocorre porque uma pequena parcela do eleitorado brasileiro possui alguma preferência partidária. Segundo os dados analisados do ESEB, esse percentual sempre se manteve abaixo dos 40%, indicando que, apesar de ser um fator importante, a preferência partidária não é preditor representativo de todo o eleitorado

Desde 2002, com exceção de 2014, a identificação ideológica é um preditor de voto significativo que diferencia eleitores de esquerda e direita e, mais recentemente, os de centro. Poderia se argumentar a limitação dessa correlação, uma vez que ela existiria apenas entre eleitores sofisticados que possuem alguma identificação. O gráfico ao lado corrobora em parte com essa afirmação, uma vez que até 2014 pouco mais da metade dos eleitores se posicionaram na escala esquerda-direita. Contudo, em 2018 há um crescimento exponencial, e a tendência se repete em 2022: de 56,3% dos eleitores com alguma identificação ideológica em 2014, esse número foi para 78,7% em 2018 e 84,3% em 2022. Isso demonstra que a correlação entre voto e ideologia não é mais um efeito heterogêneo, mas representativo de mais de 80% do eleitorado brasileiro.

**Eleitores com Identificação Ideológica**

Dados de 2002 a 2022



Fonte: ESEB

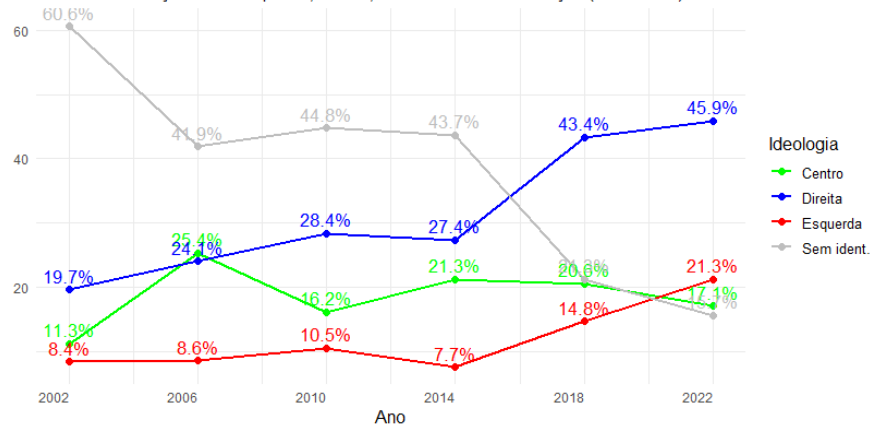
Gráfico 2 - Identificação Ideológica do eleitorado.

Fuks e Marques (2020) argumentam que a importância da identificação ideológica em 2018 se deu pela reorganização da direita na política brasileira, na qual ela passa a ocupar mais espaços e a se reivindicar enquanto tal. O autor defende a tese de que “o grau de consistência ideológica do eleitorado é condicionado pelo contexto político” (idem, p. 4). Sabendo disso, é possível observar no gráfico abaixo que ocorre uma mudança na composição ideológica dos eleitores. O primeiro fenômeno já apresentado é a queda no número de eleitores sem identificação ideológica, que em 2022 fica pela primeira vez abaixo daqueles que se identificam com a direita, esquerda ou centro. O segundo

fenômeno, mais uma vez, ocorre em 2022, quando o número daqueles que se identificam com a esquerda ultrapassa os de centro, deixando um cenário em que a maioria do eleitorado se identifica com a direita ou esquerda (67,2%). Com os campos opostos em maior evidência, o eleitorado se afasta do centro em direção aos polos.

**Identificação Ideológica dos Eleitores**

Distribuição entre Esquerda, Direita, Centro e Sem Identificação (2002-2022)



Fonte: ESEB

Gráfico 3 - Composição da Identificação Ideológica.

Esse dado corrobora com os argumentos dos autores, pois ao passo que a identificação ideológica se torna significativa e ocorre o aumento do número de pessoas que se identificam ideologicamente, fenômeno já observado em 2018, é possível observar em 2022 que essa identificação é impulsionada por eleitores de direita e esquerda, sendo um dos efeitos da chamada reorganização da direita justamente a polarização política. Portanto, a mudança no comportamento eleitoral brasileiro no que tange à identificação ideológica é uma chave que relaciona

para além da significância estatística dessa determinante: o aumento no número de eleitores que se posicionam ideologicamente e a alteração na composição dessa identificação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

A avaliação de desempenho do governo se mostrou uma determinante estável e geral nas escolhas eleitorais no Brasil. A preferência partidária também foi um preditor significativo, mas limitado, diferenciando eleitores com base em sua proximidade com partidos, com os simpatizantes do PT tendendo a votar em candidatos petistas e os de outros partidos apoiando opositores. Contudo, essa preferência é restrita a uma parcela específica do eleitorado.

A identificação ideológica é a determinante que apresentou a maior mudança de comportamento. Ela deixou de ser um fenômeno restrito a um grupo específico de eleitores e se tornou representativa de uma parcela significativa do eleitorado, abrangendo mais de 80%. O conteúdo dessa identificação também mudou, alinhando-se às transformações no contexto político brasileiro, com eleitores de direita e esquerda representando mais de 60% daqueles que possuem alguma identificação ideológica. A partir de 2018, a identificação ideológica se tornou uma determinante significativa e representativa do eleitorado brasileiro.

Em suma, a avaliação de desempenho do governo e a identificação ideológica se mostraram determinantes com maior capacidade preditiva na decisão de voto no Brasil devido à sua representatividade. A identificação ideológica, em particular, tem ganhado crescente importância, refletindo uma mudança significativa no comportamento eleitoral, com eleitores mais propensos a se posicionarem em uma escala ideológica e a escolha de voto estar correlacionada com essas posições.

---

## **BIBLIOGRAFIA**

- AMARAL, O. E. DO. **The Victory of Jair Bolsonaro According to the Brazilian Electoral Study of 2018**. *Brazilian Political Science Review*, v. 14, p. e0004, 29 maio 2020.
- AMARAL, O. E. DO; RIBEIRO, P. F. **Por que Dilma de novo? Uma análise exploratória do Estudo Eleitoral Brasileiro de 2014**. *Revista de Sociologia e Política*, v. 23, p. 107–123, dez. 2015.
- CARREIRÃO, Y. DE S. **A decisão do voto nas eleições presidenciais no Brasil (1989 a 1998): a importância do voto por avaliação de desempenho**. 2000.
- FUKS, M.; MARQUES, P. H. **Contexto e voto: o impacto da reorganização da direita sobre a consistência ideológica do voto nas eleições de 2018**. *Opinião Pública*, v. 26, p. 401–430, 25 jan. 2021.
- NICOLAU, J. **An Analysis of the 2002 Presidential Elections Using Logistic Regression**. *Brazilian Political Science Review*, v. 1, p. 125–135, 2007.
- RADMANN, E. R. H. **O eleitor brasileiro: uma análise do comportamento eleitoral**. Mestrado em Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- SINGER, A. V. **Identificação ideológica e voto no Brasil: o caso das eleições presidenciais de 1989 e 1994**. Doutorado em Ciência Política. Universidade de São Paulo, 1998.